Apócrifos na Bíblia Apócrifa: cristianismos silenciados e perdidos! Poder e heresias!

Apocrypha in the Apocryphal Bible: Silenced and Lost Christianities! Power and Heresies!

Jacir de Freitas Faria[1]

Submetido em 05/12/2025
Aceito em 17/12/2025

RESUMO

O trabalho em questão teve por objetivo oferecer uma visão panorâmica da Bíblia Apócrifa – Segundo Testamento. Primeiramente, a literatura apócrifa do Segundo Testamento foi situada no seu contexto histórico, do século primeiro ao sétimo do cristianismo. Além de apresentar, por blocos, um breve resumo do conteúdo dos apócrifos, o leitor poderá ter acesso a chaves de leituras para o entendimento desses textos. Por fim, são apresentados os critérios utilizados pela Igreja para a seleção dos livros e inspirados, e elementos importantes que decorrem da leitura atenta, ecumênica e dialogal dos cristianismos perdidos e silenciados.

Palavras-chave: Bíblia Apócrifa, cristianismo hegemônico, aberrante, complementar, alternativo.

ABSTRACT

This work aimed to offer a panoramic view of the Apocryphal Bible – New Testament. First, the apocryphal literature of the New Testament was situated in its historical context, from the first to the seventh century of Christianity. In addition to presenting, in blocks, a brief summary of the content of the apocrypha, the reader will have access to keys to understanding these texts. Finally, the criteria used by the Church for the selection of inspired books are presented, as well as important elements that result from the attentive, ecumenical, and dialogical reading of lost and silenced Christianities.

Keywords: Apocryphal Bible, hegemonic Christianity, aberrant, complementary, alternative.

1 Doutor em Teologia Bíblica pela FAJE. Professor no Seminário Sagrado Coração de Jesus na Universidade São Francisco, Bragança Paulista, Brasil. Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB).
E-mail: bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br

1. Introdução

Nos primeiros séculos do cristianismo, havia várias comunidades, e cada uma delas produzia a sua própria Teologia. Constata-se um efervescer de textos que narram a vida de Jesus e outros acontecimentos ligados a personagens próximos a Ele, como Maria, sua mãe, Maria Madalena e os apóstolos. Muitos destes textos foram excluídos do Cânon Oficial da Bíblia Cristã e são chamados de apócrifos.

O substantivo "apócrifo", do grego *apókryphos*, significa "escondido, oculto, secreto". No mundo antigo, esse termo já havia sido utilizado por Pitágoras (570 a.E.C.), atestado em um fragmento para referir-se a um iniciado no "mistério". Xenofonte (430 a.E.C.) afirma: "Isso não me aparece nada apócrifo". Já Aristóteles (384-322 a.E.C.) fala de um fenômeno não apócrifo.

São em torno de 180 os livros que ficaram fora da Bíblia Canônica, 120 do Segundo Testamento e 60 do Primeiro. Eles têm a sua importância própria para a compreensão da fé judaica e cristã. Mas o que pretendiam os livros apócrifos do Segundo Testamento? Que modelo de Igreja defendiam ou representavam? De que grupos eram originários? E por que não foram incluídos no Cânon dos textos oficiais? Como ler esses livros? Como eles podem ser classificados?

Neste estudo procurou-se elaborar e desenvolver uma nova forma de ler os apócrifos do Segundo Testamento sob a ótica da história da Igreja, no contexto histórico e das disputas de poder entre grupos variados existentes no cristianismo nascente entre os séculos I ao VII. Na sequência, apresentamos os livros apócrifos do Segundo Testamento na Bíblia Apócrifa e os critérios que a Igreja colocou para definir os livros inspirados. Apresentamos uma classificação dos apócrifos como aberrantes, complementares e alternativos, bem como eles estão distribuídos na Bíblia Apócrifa e sua importância como literatura para a fé.

2. Os vários cristianismos apócrifos e as disputas de poder nos sete primeiros séculos do cristianismo

Observa-se que vários foram os interesses, as disputas e as elaborações teológicas sobre a pessoa de Jesus Cristo, os fatos e personagens ligados a Ele. Estas Teologias traziam, em seu bojo, as lutas entre os vários cristianismos. De um lado, há o cristianismo hegemonicamente estabelecido, o apostólico, que se tornou oficial ao fazer prevalecer a sua elaboração teológica doutrinal sobre a fé cristã e, de outro, há um cristianismo múltiplo, do qual se podem ouvir as vozes de várias comunidades cristãs existentes e que foram silenciadas e consideradas hereges, sobretudo quando esse cristianismo recebeu a chancela do império Romano (313 E.C.).

O cenário do cristianismo nos primeiros séculos, do I ao VII, é marcado por disputas teológicas entre o cristianismo que se tornou hegemônico, o apostólico, e movimentos como os gnósticos, os docetas, os encratistas, os fibionitas etc. A partir dessas disputas de poder na condução do cristianismo, surgiram os livros apócrifos do Segundo Testamento.[2]

2 Estudo detalhado dos sete primeiros séculos do cristianismo à luz da literatura apócrifa e canônica

O que sustenta a fé no primeiro século do cristianismo é o anúncio do Ressuscitado. Ao redor desta fé começa-se a expandir a mensagem cristã, e a justificar o poder dos apóstolos na sucessão concedida por Jesus a Pedro. Na sequência, mesmo sem ter conhecido Jesus, Paulo anuncia no império Romano a fé no Ressuscitado. Pedro e Paulo foram martirizados em Roma entre os anos de 64 e 67, sob a perseguição do Imperador Nero (37-68 E.C.). Pedro foi testemunha ocular do túmulo vazio, sinal da ressurreição, e Paulo, o grande pensador e divulgador do cristianismo de Jesus ressuscitado. Sua morte na cidade de Roma concede a esta o primado sobre as outras, transferindo a sede da Igreja nascente de Jerusalém para ela, fato que foi se desenvolvendo nos séculos vindouros. Também se começa a desenvolver um processo de culpabilização dos judeus pela morte de Jesus, sendo Judas, o protótipo do traidor, juntamente com o povo judeu. Note-se que o nome Judas deriva de Judeu e, na guematria, na soma do valor de cada letra do seu nome, chegamos a 30, o que equivale a 30 moedas de prata que recebeu ao entregar Jesus (Freitas, 2022, p. 244). Também se começa a justificar a supremacia masculina no primado da Igreja, relegando as discípulas de Jesus, como Maria Madalena, ao papel de ameaça contra o poder masculino e a liderança dos bispos, sucessores dos apóstolos. O cristianismo apócrifo do primeiro século enfatiza um Jesus revolucionário, um cristianismo da terceira raça ou via, um da sucessão apostólica e um Jesus que salva e perdoa. Surgem os primeiros apócrifos, com as parábolas do evangelho de Tomé e a Carta Clemente.

O segundo século apresenta o cristianismo apostólico como a única escolha. Procurando justificar a hierarquização da igreja em bispos, presbíteros e diáconos, aparece fortemente a corrente de pensamento chamada de gnosticismo, a qual defende que a salvação vem pelo conhecimento da origem divina de si mesmo e do destino de cada ser humano. O cristianismo que iria se tornar hegemônico enfatiza a submissão da mulher à hierarquia, incentiva o martírio como testemunho de fé que une cristãos na morte redentora histórica de Jesus. A literatura apócrifa deste século é vasta, mais de três dezenas de livros são escritos. Eles conviviam com os evangelhos, cartas e apocalipses, os quais seriam reconhecidos como inspirados somente entre os séculos quarto e sexto. Destaque para os apócrifos gnósticos como o evangelho de Maria Madalena, Felipe, Tomé, Judas Iscariotes etc. No contexto de descriminação da mulher na Igreja, por Santo Irineu, surge no ano 150, o evangelho de Maria Madalena, apresentada como apóstola e mulher de liderança no início do cristianismo.

O século terceiro é marcado pela expansão do cristianismo e sua busca por um lugar na sociedade romana, mesmo em meio às perseguições. Continua a elaboração de questões teológicas, da sucessão apostólica, da condenação da mulher e a defesa da hierarquia masculina, nos bispos e seus ajudantes. A literatura apócrifa aborda temas como Maria, o Espírito Santo, a chefia de Pedro na Igreja e outros temas. Os cristianismos apócrifos continuam a defesa da sucessão petrina, dos sacramentos a partir de uma visão gnóstica e da negação do martírio.

A grande virada do século quarto é o Edito de Milão, de 313 E.C., o qual concede liberdade religiosa aos cidadãos do império. O Cristianismo passa a ser a grande Igreja

do Segundo Testamento em nosso livro: *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias:* introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento (Faria, 2022, p. 51-167). Apresentamos aqui um resumo dessa trajetória de fé, exposta nessa obra.

Estatal. Esta organização salva o Império Romano da ruína. O celibato, a virgindade são defendidos pela literatura apócrifa. Os monges do deserto tornam-se a ponte entre a hierarquia e o povo simples. Institui-se o culto anual a Pedro e Paulo. Os livros apócrifos são considerados heréticos e queimados. Têm início as leis de condenação às heresias e ao gnosticismo. A literatura apócrifa, como a Carta de Paulo a Sêneca, justifica a primazia do cristianismo sobre a filosofia pagã. Também são narradas histórias de cunho apócrifo sobre José, Maria e a infância do Menino Jesus.

O século quinto é marcado por uma divisão no cristianismo hegemônico entre oriente e ocidente. Há o rompimento total com o judaísmo e a definição de Maria como mãe e a portadora de Deus: a *Theotokos*, no II Concílio de Éfeso, em 431. Eutiques defende o monofisismo, isto é, Jesus tem uma só natureza, a divina. Alguns apócrifos deste século abordam o arrependimento de Pilatos pela morte de Jesus. O cristianismo que surge da literatura apócrifa do século quinto é romano, o qual culpa os judeus pela morte de Jesus. Ele também é mariano, ao reforçar a tese da concepção virginal de Jesus. Maria é virgem, antes, durante e depois do parto. Atos apócrifos relatam a consagração de bispos pelos apóstolos, garantindo a sucessão, a fé na Trindade, a ressurreição de Cristo e o celibato monástico.

O século sexto é marcado pelo desligamento do cristianismo hegemônico do império Romano e pela preparação deste para se tornar um estado eclesiástico. O II Concílio de Constantinopla, de 553 E.C., elabora o dogma da virgindade de Maria. Gregório declara que Maria Madalena é prostituta, em 596 E.C., após pregar aos milaneses, no norte da Itália, que a mulher prostituta de Lc 7 era Madalena.

A Igreja se une ao império bárbaro, e a vida monacal substitui o martírio. Na literatura apócrifa se destacam os evangelhos da infância do Senhor e os atos de apóstolos, como Bartolomeu, Mateus e Tiago. O cristianismo apostólico, neste século, retoma histórias apócrifas acerca da vida dos apóstolos a fim de fortalecer a vida monástica e o poder da Igreja na sociedade. O Concílio de Calcedônia, realizado em 451 E.C., proclama as duas naturezas de Jesus, humana e divina. Para reforçar essa fé surgem os apócrifos marianos, os quais apresentam Maria como virgem antes, durante e depois do parto, mediadora e mãe do verbo encarnado. Da mesma forma, os apócrifos da infância traçam um perfil de um Menino Jesus humano e divino, travesso e milagreiro.

No século sétimo a cristandade perde força entre o povo. Em 622 nasce o Islamismo, religião contrária ao dogma da Trindade. O sínodo de Latrão, de 649, defende a virgindade de Maria antes, durante e depois do parto. A vida monástica se expande no ocidente. Na literatura apócrifa, o livro de São João, arcebispo de Tessalônica, ensina como celebrar a festa da assunção de Maria sem exageros, dando detalhes de como foi a sua morte e assunção. Outros livros apócrifos continuaram sendo escritos abordando o arrependimento de Pilatos pela morte de Jesus, culpando os judeus e inocentando o império romano pela morte de Jesus.

3. Os livros apócrifos do Segundo Testamento na Bíblia Apócrifa

Na nossa publicação *Bíblia Apócrifa – Segundo Testamento* (Faria, 2025) recolhemos em um único volume a tradução na íntegra de 67 evangelhos, cartas, atos e apocalipses do Segundo Testamento, bem como tecemos comentários a 63 fragmentos de textos.

Esses textos são frutos de cristianismos perdidos e silenciados pela tradição que se tornou hegemônica na história da Igreja.

O substantivo apócrifo é a tradução do termo grego "*apokryphos*" e significa escondido, oculto, isto é, no caso, livro lido de forma escondida. Dessa forma, surge a pergunta: Seria a *Bíblia Apócrifa* outra Bíblia? Sim e não! Como apresentação de um pensamento diferenciado, é, sim, outra Bíblia, mas, em relação a seu objetivo, que é o de dialogar com os vários cristianismos de origem, não. Esses livros devem ser lidos na perspectiva de poder compreender a revelação do Espírito Santo na oralidade da fé, na catequese que chegou até os nossos dias.

A tradição conservou narrativas sobre a infância de Jesus, nos seguintes evangelhos: Evangelho da infância segundo o Pseudo-Tomé; Evangelho da infância segundo o Pseudo-Mateus; Livro da infância do Salvador; Evangelho armênio da infância de Jesus; Evangelho árabe da infância de Jesus; Evangelho latino da infância de Jesus. Os apócrifos da infância contam a história de um menino travesso, poderoso e malvado, gnóstico, sábio, capaz de realizar milagres, farol de luz para a sua família. Eles se espalharam entre os cristãos para complementar o cristianismo hegemônico, no que tange à divindade e à humanidade de Jesus. A questão não era polemizar, mas sim clarear essa fase da vida de Jesus que ficou na penumbra, sanando curiosidades dos cristãos. Os apócrifos da infância devem ser compreendidos no âmbito do imaginário da fé (Faria, 2025, p. 147-148).

Sobre Maria, temos, na Bíblia Apócrifa, o Protoevangelho segundo Tiago (Natividade de Maria); Livro do Descanso; Livro de São João, o teólogo, sobre a passagem da Mãe de Deus; Trânsito de Maria de Pseudo-Melitão de Sardes; Livro de São João, arcebispo de Tessalônica; Trânsito da Bem-aventurada Virgem Maria de José de Arimateia. Os evangelhos apócrifos marianos fazem parte da literatura complementar aos canônicos no que se refere ao papel de Maria, embora alguns elementos isolados pareçam aberrantes, extravagantes e até mesmo alternativos.

História de José, o Carpinteiro, é um apócrifo que apresenta Jesus, no monte das Oliveiras, contando a história de seu pai José para os seus discípulos. Ele era idoso, quando recebeu Maria como esposa e já tinha seis filhos, dois homens e quatro mulheres. Homem sábio que cuidou do Menino Jesus.

Sobre a paixão, morte e ressurreição de Jesus, A Bíblia Apócrifa traz o Evangelho segundo Gamaliel; Evangelho segundo Nicodemos (Atos de Pilatos); Descida de Cristo aos infernos; Declaração de José de Arimateia; Evangelho segundo Pedro; Evangelho segundo Bartolomeu; A sentença de Pilatos contra Jesus. Trata-se de textos que complementam a narrativa da paixão canônica e procura responder o que aconteceu com Jesus nos três dias entre a sua morte e ressurreição.

A Bíblia apócrifa recolhe um número considerável de livros sobre a história de Pilatos, tais como: Vingança do Salvador; A cura de Tibério; Tradição (parádosis) sobre Pilatos; Relatório (anáfora) de Pilatos a César Augusto; Carta de Pilatos a Herodes Antipas; Carta de Herodes Antipas a Pilatos; Cartas de Pilatos a Tibério; Carta de Tibério a Pilatos; A morte de Pilatos. O que terá acontecido com Pilatos? Como ele morreu? Ele se arrependeu do que fez com Jesus?

Outro bloco de evangelhos pertencentes a um grupo de oposição ao cristianismo que se tornou hegemônico são os evangelhos gnósticos. Eles apresentam um perfil diferenciado de Jesus, na perspectiva gnóstica. A salvação vem pelo conhecimento de

Jesus. Maria Madalena é a amada de Jesus segundo o evangelho que leva seu nome e o de Felipe. Dentre esses evangelhos, destacam-se: Evangelho segundo Maria Madalena; Evangelho segundo Tomé; Evangelho segundo Filipe; Evangelho segundo Judas Iscariotes; Apócrifo de Tiago; *Pistis Sophia* (Fé na sabedoria); Evangelho segundo Bardesane; Evangelho segundo Apelle; Evangelho segundo Basílides; Evangelho copta segundo os egípcios; Evangelho grego segundo os egípcios; Evangelho segundo Eva; Evangelho segundo Matias; Evangelho da perfeição; Evangelho dos quatro reinos celestiais; Evangelho do Salvador; Evangelho da Verdade; Revelação secreta de João; Diálogo do Salvador; Sabedoria de Jesus Cristo; Livro de Tomé, o Atleta.

Se na Bíblia Canônica temos atos de Pedro e Paulo, a Bíblia Apócrifa apresenta não menos que: Memórias apostólicas segundo Abdias; Atos de Paulo; Atos de Tecla; Atos de Pedro; Atos de Pedro e André; Atos de Pedro e dos Doze; Atos de Pedro e Paulo; Querigma de Pedro; Atos de André; Atos de Matias; Atos de André e Matias; Atos de Barnabé; Atos de Bartolomeu; Atos de Filipe; Atos do Tiago, irmão do Senhor; Atos de Tiago Maior; Atos de Marcos; Atos de Mateus; Atos de Tiago, o irmão do Senhor, Judas Tadeu e Simão; Atos de Tadeu; Atos de Timóteo; Atos de Tito; Atos de Tomé; Atos de João. Os atos apócrifos dos apóstolos são importantes para complementar as informações sobre as atividades missionárias de todos os apóstolos, depois da morte e ressurreição de Jesus.

Em relação às cartas, temos: Carta aos alexandrinos; Carta dos apóstolos; Carta de Barnabé; Carta dos coríntios a Paulo; Carta de Inácio; Carta de Paulo aos Laodicenses; Cartas de Paulo a Sêneca; Cartas de Sêneca a Paulo; III Carta aos coríntios; Carta de Pedro a Filipe; Carta de Pedro a Tiago Menor; Carta de Pseudo-Tito; Carta de Jesus a Abgar; Carta de Abgar a Cristo; Carta de Públio Lêntulo; Carta de Inácio; Carta de Clemente a Tiago. As cartas apócrifas são ensinamentos apostólicos. Algumas delas provêm do ambiente cristão gnóstico, tendo como objetivo defender o primado e a liderança de Pedro entre os apóstolos.

Já os livros apocalípticos, revelações de cunho gnóstico aos apóstolos, são: Primeiro Apocalipse de Tiago; Segundo Apocalipse de Tiago; Apocalipse da Virgem; Apocalipse de Pedro; Apocalipse copta de Pedro; Apocalipse de Paulo; Apocalipse de Tomé; Apocalipse e Estêvão; Oráculos Sibilinos (cristão).

4. Critérios que a Igreja colocou para definir os livros inspirados

Os critérios utilizados pela Igreja para definir a lista dos livros inspirados do Segundo Testamento, nos primeiros quatros séculos do cristianismo são:

1. O livro deveria ter um caráter ortodoxo ao professar a fé na ressurreição de Jesus. A fé em Jesus ressuscitado mantinha a identidade dos cristãos e a fé da Igreja. Um livro com esse teor estava de acordo com a ortodoxia, a tradição e a doutrina recebida dos primeiros cristãos;
2. Ter sido escrito por um apóstolo ou pela tradição apostólica. Esse foi um critério de fundamental importância para os escritos do Segundo Testamento, pois ele seria capaz de garantir a ortodoxia e a catolicidade (universalidade) da Igre-

ja, sua antiguidade e concordância com a Escritura recebida, o que resultaria na edificação da Igreja (Artola; Sánchez Caro, 2005, p. 105);

3. Ser usado liturgicamente por muitas Igrejas apostólicas. O uso litúrgico de um livro em várias Igrejas apostólicas foi um dos critérios que mais ajudaram a Igreja, por volta dos séculos III e IV, a ter clareza em relação aos livros inspirados;
4. Ter sido inspirado pelo Espírito Santo. Um livro considerado inspirado é aquele capaz de revelar no seu escrito a tradição oral sobre Jesus e a presença do mesmo Espírito que atuou Nele para revelar o Pai, Deus;
5. Ter sido catalogado na lista de Flávio Josefo. Os cristãos mantiveram como regra para um livro ser considerado inspirado a lista apresentada pelo fariseu, historiador e escritor Flávio Josefo (37 e 107 E.C.), quem elaborou uma lista de vinte e dois livros que considerava divinos para o seu povo;
6. Não ter origem e aceitação entre os grupos de oposição ao cristianismo apostólico. Dentre os vários cristianismos de origem, o que predominou foi o apostólico. O grupo de cristãos gnósticos rejeitavam a ideia da hierarquização do cristianismo. Na verdade, esse critério mais ideológico não é tão predominante quanto o do uso nas comunidades.

5. A classificação dos apócrifos como aberrantes, complementares e alternativos

Os apócrifos do Segundo Testamento podem também ser classificados, conforme seu conteúdo em relação aos canônicos, em três categorias: aberrantes, complementares e alternativos (Faria, 2025, p. 33-39).

Os aberrantes são os livros que exageram nas narrativas sobre Jesus e seus seguidores. Neles são descritos fatos que a tradição de fé julgou equivocada, isto é, sem fundo de verdade histórica e historiográfica. Essas narrativas são consideradas fantasias, pois exageram ao descrever ou inventar fatos. Nesse sentido, os evangelhos da infância estão permeados de aberrações. Neles, por exemplo, o menino Jesus não suporta ser desafiado por outras crianças. Um professor que chamou a atenção dele recebeu a sentença de morte. É evidente que isso não aconteceu, mas a narrativa tem a função de demonstrar o poder do menino Jesus, assim como era o do adulto. Exemplos de aberrantes: Evangelho árabe da Infância de Jesus; Atos dos Apóstolos apócrifo; Vingança do Salvador; A morte de Pilatos; Evangelho Secreto segundo Marcos; Evangelho segundo o Pseudo-Tomé.

Já os apócrifos complementares, compostos da maioria dos livros, fazem parte do rol da literatura apócrifa que complementa os textos canônicos. Eles oferecem informações adicionais aos canônicos sem incorrer em exageros. É o caso, por exemplo, dos apócrifos marianos, quer narrativos, quer biográficos, quer assuncionistas. A fé católica mariana é herdeira desses evangelhos, os quais influenciaram a arte, como as imagens de Maria morta, dormida, e rodeada dos apóstolos. Exemplos de complementares são apócrifos marianos assuncionistas e o Livro da Natividade de Maria.

Os apócrifos alternativos são assim chamados justamente por se oporem ao cristianismo que se tornou hegemônico. Eles surgiram entre os cristãos gnósticos, os quais defendiam que a salvação vem pelo conhecimento de nossa origem divina, que as mu-

lheres podiam exercer o poder de liderança na Igreja e de ensinar e administrar sacramentos. A figura de Maria Madalena está associada a esse grupo, que a considerava não a prostituta, mas sim a amada de Jesus. Para os gnósticos, Cristo se encarnou em Jesus de Nazaré e dele deveria se libertar para voltar à sua origem, ao Pleroma. O que salva é o conhecimento dessa realidade, e não a morte e ressurreição de Jesus. Exemplos de apócrifos alternativos: Evangelho segundo Maria Madalena; Evangelho segundo Tomé etc.[3]

Ler e compreender esses livros apócrifos exige ficar atento ao gênero literário ao qual ele representa e se é aberrante, complementar ou alternativo.

6. A importância dos apócrifos para a fé em Jesus

A literatura apócrifa do Segundo Testamento exerceu fascínio e curiosidade dos cristãos, desde a sua origem, complementando os textos canônicos e apresentando uma visão alternativa dos cristianismos oriundos de grupos opositores ao grupo apostólico, que aos poucos foi se tornando hegemônico, entre os séculos I ao IV. Contudo, esse fascínio ocorreu sobretudo nos séculos posteriores, com o cristianismo popular devocional.

A influência dos apócrifos do Segundo Testamento foi, e continua sendo, objeto de estudo de muitos pesquisadores, os quais procuram entender os motivos da rejeição e da aceitação desses escritos ao longo da história do cristianismo.

A importância dos apócrifos na história dependeu de condicionamentos históricos na vida da Igreja e do modo como ela entendeu a literatura apócrifa. A categorização dos apócrifos como não confiáveis para a Igreja já ocorreu nos primeiros séculos do cristianismo. Eusébio de Cesareia, nascido em 263 E.C., fez uma classificação de livros segundo o critério de canônicos, inspirados, contestados e adulterados, em contraposição aos chamados heréticos, apócrifos.

Santo Agostinho (354-430 E.C.) usou o termo "apócrifo" para certos escritos. Mais tarde, algumas dezenas de apócrifos, tidos como falsos, foram proibidos de serem lidos e foram enviados para a fogueira por meio do Decreto Gelasiano, publicado entre 412 e 523 E.C., e atribuído ao Papa Gelásio, morto em 496 E.C., no qual são listadas sessenta obras apócrifas do Novo Testamento[4]. Essa lista ficou ainda maior no decorrer dos séculos, quando outros livros foram escritos ou descobertos. A datação desses livros, na sua grande maioria, vai do século II a.E.C. ao século VII E.C.

No Ocidente, houve rejeição aos apócrifos no século IV, o que não impediu que muitos deles fossem conservados e redescobertos nos séculos XIX e XX. Luigi Moraldi, estudioso dos apócrifos, a propósito dessas descobertas recentes, afirma:

> Depois da redescoberta da literatura apócrifa, alguns estudiosos apresentaram a hipótese segundo a qual uma parte da literatura apócrifa do Novo Testamento seria superior aos livros canônicos, e os evangelhos apócrifos mais

3 A lista dos apócrifos do Segundo Testamento conforme essa classificação encontra-se em nosso livro: Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias: introdução crítica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento (Faria, 2022, p. 49-51).

4 Confira a lista gelasiana em Moraldi (1999, p. 21-24).

> antigos seriam os inspiradores dos evangelhos canônicos. Uma reação, talvez excessivamente violenta, contra essa posição teve, ao menos em parte, o efeito de desprezar toda a literatura apócrifa. Hoje se verifica a volta a uma posição equilibrada (Moraldi, 1999, p. 30-31).

Não há como negar a relação intrínseca entre a literatura apócrifa do Segundo Testamento e a canônica. Não por menos, já no nascimento dela, os autores de textos apócrifos também intitulavam os seus escritos como evangelhos, atos, cartas, apocalipses etc., o que, de certa forma, demonstra uma relação de dependência da literatura canônica. Também não há como negar que, na origem das disputas teológicas e ideológicas, está a defesa de pontos de vista sobre a divindade de Jesus, salvação, sofrimento, ressurreição, martírio, virgindade, trindade, conhecimento que salva etc., o que culminou na rejeição de muitos apócrifos pelo cristianismo hegemônico.

Dentre os movimentos de resistência ao cristianismo hegemônico, destacaram-se os gnósticos e suas ramificações: gnósticos docetas, encratitas, fibionitas, cainitas, e também os ebionitas, marcionitas, donatistas, arianos e tantos outros que se perderam. Ário, Nestório, Marcião, Pelágio, Valentino, Donato são exemplos de cristãos que estiveram à frente desses grupos.

O cristianismo da Idade Média e Moderna foi fortemente influenciado pelos apócrifos marianos[5], fato este que deixou em aberto uma questão: como Maria poderia ser glorificada ou ressuscitada sem ter passado pela morte, como ocorreu com o seu Filho e ocorre com todos os humanos? Maria não venceu a morte.

Há um longo percurso entre a oralidade e a escrita de uma tradição. Não foi diferente a escrita presente nos textos apócrifos. O imaginário popular garantiu a sua experiência de fé na literatura apócrifa, de modo que ela não se perdesse: "O povo iletrado, de modo especial, conservou essa fé 'inspirada' por outros caminhos, construindo um saber histórico que é passado de geração em geração, na oralidade e na vivência de fé de seus valores" (Faria, 2022, p. 39).

As tradições orais e escritas, sejam elas apócrifas ou canônicas, estão permeadas de interações recíprocas. Foi assim com a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte e com tantos outros aspectos da fé mariana católica. As muitas expressões de fé dos apócrifos complementares acabaram se tornando quase inspiradas na tradição oral.

O objetivo central dos evangelhos apócrifos é apresentar a figura de Jesus a partir de pontos de vista diferentes daqueles que tratam os evangelhos canônicos, de modo livre, chegando a ser uma visão alternativa às afirmações históricas e teológicas dos canônicos.

E mesmo os livros da literatura apócrifa do Segundo Testamento que não apresentaram pensamentos diferenciados sobre Jesus contribuíram para a discussão e sedimentação do cristianismo hegemônico, apresentando complementos às narrativas canônicas, o que não nos pode levar a afirmar que a fé da Igreja é, necessariamente, apócrifa. Ela simplesmente traz elementos oriundos dessa fé, desses cristianismos apó-

5 Para entender a influência dos apócrifos marianos e sua relação com o medo da morte e do inferno, bem como sua relação com as irmandades negras de Nossa Senhora da Boa Morte no período do Brasil Colônia, veja nosso livro: *O medo do inferno e a arte de bem morrer*: da devoção apócrifa à Dormição de Maria às irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte (Faria, 2019).

crifos perdidos. Os apócrifos do Segundo Testamento complementam os canônicos, não no sentido histórico, mas sim no historiográfico.

Outra questão não menos importante na pesquisa sobre os apócrifos tem sido elucidar as dificuldades na compreensão e importância dessa literatura, o que tem possibilitado superar os entraves históricos do rótulo: "Os apócrifos são todos fantasias e falsas teologias". Se antes os apócrifos eram de interesse somente para as igrejas do Ocidente e do Oriente, hoje o grande público conhece ou já ouviu falar dos apócrifos. Com a projeção do filme *O Código Da Vinci*, na década de 2000, os apócrifos ganharam a mídia internacional.

Na leitura dos apócrifos, um dos grandes empecilhos se refere ao fato de as comunidades terem preconceitos em relação a eles. O substantivo "apócrifo" tornou-se sinônimo de mentiroso. O grande público e a maioria dos cristãos não conhecem o conteúdo desses textos pelo fato de a Igreja ter ensinado que eles fazem parte da literatura que se opôs ao cristianismo que se tornou hegemônico, tendo sido escritos após os textos canônicos. Ehrman (2008, p. 21-22). Tudo isso levou os cristãos a olharem com preconceito os apócrifos, sustentando a premissa de que são falsos, heréticos, fantasiosos e, portanto, não são critérios para a fundamentação do Jesus histórico[6].

A diversidade de pensamentos, até mesmo contraditórios, dos apócrifos é testemunha de que essa literatura tem incoerências e aspectos lendários do cristianismo (Tragán, 2008, p. 306). Os apócrifos refletem uma tensão entre o núcleo central da fé cristã e sua dimensão histórica. Orígenes de Alexandria afirmou no século III: "A Igreja tem quatro Evangelhos, mas os hereges têm muitos" (Origenes, 2017, p. 5-6).

Os apócrifos gnósticos possuem dualismo antropológico (Perego; Mazza, 2008, p. 12). O bem e mal estão sempre em oposição; o corpo é visto negativamente; a natureza humana não tem a dignidade necessária para estar unida ao Filho de Deus; o Segundo Testamento é melhor que o Primeiro Testamento, pois revela um Deus misericordioso em oposição ao Deus vingativo do Primeiro Testamento, opinião defendida por Marcião, na segunda metade do século II, quando propôs o seu cânone.

A leitura desatenta dos apócrifos do Segundo Testamento podem induzir o leitor a pensar que o cristianismo institucionalizado não contém os princípios básicos da fé, fato que não é real, pois os próprios autores e comunidades do século segundo tinham consciência da distância que os separava da comunidade apostólica. No entanto, não há como não considerar que os cristãos gnósticos sempre foram um perigo para a ortodoxia.

Decorre das dificuldades acima apresentadas que os apócrifos merecem ser lidos a partir da diversidade de pensamentos que eles encerram. A abundância dos apócrifos nos primeiros séculos do cristianismo evidencia que as formas de pensar em relação a Jesus e seus seguidores eram tantas quantos os testemunhos considerados inspirados. Nessa época, quando o cristianismo começa a despontar no Império Romano, a fé em Jesus ganhava adeptos em todos os cantos. Vários escritos surgem. No século IV, quando a Igreja ocidental passa a ser Católica Apostólica Romana, também um cânone passa a ser reconhecido, em Hipona. Antes, a pluralidade de pensamento cristão fazia

6 Irineu, bispo de Lion, morto em 200, escreveu a esse respeito, afirmando que os gnósticos insinuavam uma quantidade indescritível de escritos apócrifos e espúrios, forjados por eles próprios. Texto citado por Perego e Mazza (2008, p. 5).

parte da pregação dos novos cristãos. Os apócrifos são testemunhos diretos de uma ampla e rápida expansão do movimento cristão dentro do império (Tragán, 2008, p. 304).

7. A modo de conclusão

A partir do estudo que fizemos sobre a literatura apócrifa do Segundo Testamento, a Bíblia Apócrifa, na linha do tempo dos sete primeiros séculos do cristianismo, ficou evidente que entre os textos canônicos e apócrifos há uma disputa teológica pela definição do perfil e mensagem de Jesus. Sabemos que os relatos canônicos sobre Jesus são uma ínfima parte daquilo que Ele fez ou disse. Ele, que nunca escreveu uma linha sobre a sua atuação como Filho de Deus. As comunidades, décadas depois de sua morte, é que iniciaram um processo de escritura, que outras tantas décadas e séculos foram necessários para serem confirmadas como inspiradas ou não. Assim, a escolha dos fatos a serem escritos está relacionada com a experiência da comunidade. Nunca saberemos, de fato, toda a história de Jesus, mas teremos sempre fragmentos e interpretações dela. O desafio é reconstituir ecumenicamente Cristo nos vários modos de descrevê-lo, seja de forma histórica ou piedosa, aberrante, complementar ou alternativa. Nesse sentido, os apócrifos continuam atuais e relevantes para a nossa tradição de fé, mesmo que nunca receberão o nome de canônicos. E nem devem sê-lo. A história já se encarregou de definir essa questão. Estamos muito longe dos fatos para arvorar o direito de inspiração para os apócrifos.

Conforme o esquema abaixo se pode visualizar o desenvolvimento do cristianismo a partir dos apócrifos (Faria, 2022, p. 206). A fé em Jesus ressuscitado faz com que os cristãos se perguntassem sobre Jesus, de modo a encontrar fundamentação histórica para esse evento fundante. Nascem cristianismos e com eles dois blocos de literatura, uma canônica e outra apócrifa. A primeira ajudou a construir a partir do poder, em suas várias dimensões, o cristianismo hegemônico, mais tarde, chamado de cristandade. A segunda foi relegada à categoria de heresia, transformando-se em cristianismos perdidos e possibilitando o surgimento de uma outra religião monoteísta, o islamismo, e de práticas devocionais com elementos apócrifos.

O grande mérito da literatura apócrifa do Segundo Testamento foi o de conservar a memória dos cristianismos perdidos. Estudá-los possibilita o resgate da face dos cristianismos perdidos ou excluídos, possibilitando-nos o conhecimento dessas correntes de pensamento condenadas ao ostracismo, nas quais poderiam estar traços do pensamento de Jesus que foram afastados pelo cristianismo que se tornou hegemônico.

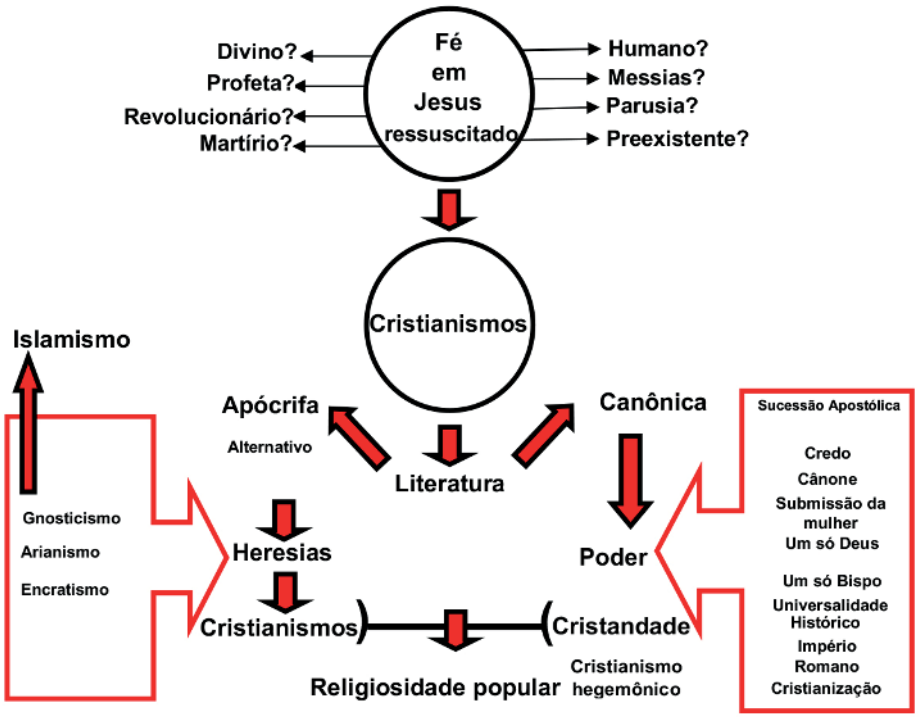
Outro elemento importante é que a literatura apócrifa do Segundo Testamento revela a luta desenfreada pelo poder, nos primórdios do cristianismo, entre suas lideranças, o poder de liderança das mulheres, como Maria Madalena e Maria.

Os apócrifos oferecem elementos da catequese não propriamente herética dos primeiros cristãos, ainda hoje presentes no imaginário popular, espelho de uma fé simples, piedosa e devocional em relação a Maria, por exemplo, mas também em relação à infância de Jesus.

Estudados no contexto histórico, sem o preconceito de que todos são falsos, podem nos propiciar uma fé crítica e ecumênica. Eles representam de maneira mais livre a lin-

guagem mitológica do cristianismo, enquanto os canônicos mostram maior preocupação com a fundamentação histórica do evento Jesus.

Figura 1 - Processo de formação das literaturas canônicas e apócrifa



Fonte: Freitas (2022, p. 206).

Os apócrifos continuam presentes no imaginário popular, na fé libertadora e conservadora, no ecumenismo e na ortodoxia. Eles serviram de base para dogmas de fé na Igreja, com destaque para os de cunho mariano. Ademais, eles favorecem uma espiritualidade para além das instituições religiosas, como a devoção a Maria. Evidenciam o encontro inevitável entre o evangelho e a cultura, mesmo na sua condição de escrito não canônico.

Por fim, são testemunhos de uma fé que nos coloca no caminho de volta à gênese do cristianismo, marcado pela diversidade e dificuldade de se dizer cristão. Os apócrifos deram respostas a questões que os canônicos não deram.

A relação entre apócrifos e evangelhos canônicos impõe-nos um exercício acadêmico de busca de compreensão dessa literatura para elucidar a sua dimensão histórica, seus limites e valores para a compreensão do cristianismo primitivo e seus desdobramentos históricos no âmbito da fé.

Referências

ARTOLA, Antônio M; SANCHEZ CARO, José Manuel. *A Bíblia e a Palavra de Deus*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2005.

EHRMAN, Bart D. *Evangelhos perdidos*: as batalhas pela escritura e os cristianismos que não chegamos a conhecer. Rio de Janeiro: Record, 2008.

FARIA, Jacir de Freitas. *Bíblia Apócrifa:* Segundo Testamento. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2025.

FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alterativos – Poder e heresias*: introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. 3. ed. Petrópolis: Vozes: 2022.

FARIA, Jacir de Freitas. *O medo do inferno e a arte de bem morrer*: da devoção apócrifa à Dormição de Maria às irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte. Petrópolis: Vozes, 2019.

MORALDI, Luigi. *Evangelhos Apócrifos*. São Paulo: Paulus, 1999.

PEREGO, Giacomo; MAZZA, Giuseppe. *ABC dos evangelhos apócrifos*. Lisboa: Paulus, 2008.

TRAGÁN, Pius-Ramon (org.). *Los evangelios apócrifos*: origen – carácter – valor. Estella: Verbo Divino, 2008.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
® 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica